

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 6

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

(Continuado do n.º 5, pag. 134)

Rev.^{mo} P.^o Mestre. — Entre as duas ultimas de V. Rev.^{ma} que, aliás, estimei com a devida veneração, e depois de ter respondido á primeira, chegou ao nosso prior, o Dr. Fr. Francisco Caetano, uma do Rev.^{mo} D. Gaspar, prior do real mosteiro de S. Vicente de Fóra, na qual, por serem amigos, lhe pedia as lettras do calix.

Esta carta, junta á de V. Rev.^{ma}, avivou em todos nós a magua de não haver aqui quem soubesse debuxar o calix com a perfeição que V. Rev.^{ma} desejava, quando, neste meio, chegou a segunda de V. Rev.^{ma}; pelo qual, indo nós ver o outro calix ao livro apontado¹, se arremessou um monge a ver se poderia fazer outro semelhante; e, para este effeito, chamámos tambem ao mestre aparelhador que aqui trazemos nas obras, para tomar as medidas certas. Finalmente, sahiram com um rascunho, o melhor que pôde ser; e, como o prior teve mais parte na obra, e, como nosso prelado actual, em ausencia do Rev.^{mo}, que anda no Alemtejo, tem a primeira voz — o manda ao Rev.^{mo} D. Gaspar; e me diz que lá nessa côrte se podem, pelo que vae, tirar outros semelhantes; e, por eu entender da urbanidade de Rev.^{mo} D. Gaspar, a quem conheço de Coimbra, que estimará a occasião de lisonjear o gosto de V. Rev.^{ma}, participando-lh'o, e o rascunho feito custar muito a fazer, me accommodei. E peço a V. Rev.^{ma} muito por mercê me releve não o poder servir melhor, por ser cousa que eu não sei fazer, nem haver na terra quem a faça por dinheiro.

Espero, com boas novas de V. Rev.^{ma}, pelos papeis promettidos.

Deus guarde a V. Rev.^{ma}

8 de Dezembro de 1713. — De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo =
Fr. Manoel dos Santos.

¹ Parece faltarem neste ponto duas cartas: — uma de Fr. Manoel dos Santos, respondendo á que lhe dirigira, em 18 de Novembro, D. Manoel Caetano de Sousa; outra d'este, indicando, no intuito de facilitar a tarefa do desenho, um livro onde se encontrava reproduzido um calix.

Rev.^{mo} P.^o Mestre.—Por um homem que foi d'aqui a essa cidade, escrevi a V. Rev.^{ma}, respondendo á sua última; porém, voltou sem me dar certeza da entrega, o que me obriga a repetir o que dizia na outra.

Na mesma semana em que me chegou a de V. Rev.^{ma}, escreveu ao nosso prior o do real mosteiro de S. Vicente de Fóra, pedindo-lhe as letras do calix; e, com effeito, lhe foram, e, juntamente, um debuxo ou rascunho do mesmo calix, feito por um monge, o melhor que pôde, e com muita paciencia, por ser pouco destro na arte. Por esta razão, não se atreveu a fazer outro para eu mandar a V. Rev.^{ma}, como desejava; nos quaes termos escrevi a V. Rev.^{ma}, dando-lhe conta, para que, pelo que foi ao prior de S. Vicente, fizesse tirar outro,—o que lhe seria facil nessa cidade, aonde nada falta.

Se a primeira carta não chegou a V. Rev.^{ma}, me perdoe o que pareceria dilação na resposta, e me tenha na sua lembrança para todas as occasiões de seu serviço.

Deus guarde a V. Rev.^{ma}

28 de Dezembro de 1713.—De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo=
Fr. Manoel dos Santos.

*

Informação do calix de ouro

O calix de ouro do real mosteiro de Alcobaça é data do senhor rei D. Manoel, no tempo que governou este mosteiro, como tutor de seu filho, o senhor infante D. Affonso, commendatario d'elle. Colhe-se da memoria que vai na certidão, a qual, pelo feitio da lettra e estar já gastada, se deixa ver que é escripta por quem vivia no tempo do infante; e, ao menos, que seja antiquissima, não se pôde duvidar; porque já quando o nosso illustrissimo Fr. Angelo Manrique ideava a grande obra dos seus *Annaes cistercienses*, que foi pelos annos de 1610, entre outras noticias que mandou pedir e lhe mandaram d'esta casa, foi esta memoria, que elle traz impressa no segundo tomo dos *Annaes*, na serie dos abbades perpetuos de Alcobaça, pag. 11, § 26. Confirma-se ser data de el-rei D. Manoel, porque o feitio do dito calix mostra ser obra do mesmo artifice que obrou a custodia do mosteiro de Belem, que o dito rei tambem deu, segundo o que me dizem.

Pesa, com a patena, nove marcos de ouro. Tem letras em quatro partes:—no pé; no principio da columna; no copo, e em dois passos do copo; porém, o papel impresso não faz menção mais que das primeiras duas. Nas letras do copo, não falla.

A patena é lavrada toda ao buril. Da parte superior, tem o passo da ceia do Senhor, esmaltado de vermelho, e, ao redor, estas letras: I H S; e nas costas, tem o passo da soledade da Senhora, tambem ao buril e esmaltado; mas já os esmaltes, em parte, cuspidos fóra.

No calix, estão doze passos da Paixão do Senhor, seis no pé e seis no copo. Os seis passos do pé são estes:—1.^o, o Senhor no horto: os tres apostolos dormindo, o anjo confortante, e o horto admiravelmente fingido, com seus penedos de ouro tosco, arvores, etc.; 2.^o, o Senhor na prisão: Judas dando o beijo, os judeus *cum gladiis et fustibus*, S. Pedro levantando o braço com o alfange, e, a seus pés, Malco, derribado, com a lanterna pendente; 3.^o, o Senhor em casa do pontifice: este, assentado debaixo de docel, mui circumspecto, e o Senhor em pé, cercado de judeus, e um tendo mão na corda por detrás do Senhor, a qual o Senhor

tem ao pescoço; 4.º, o Senhor no pretorio: Pilatos á porta do pretorio, fallando aos judeus, vestido como gentio, á turquesca; aos seus pés, um cãosinho, coçando-se; e o Senhor em pé, como os mais, e o judeu detrás, pegando na corda; 5.º, o Senhor á columna, açoutando-o dois algozes, e os vestidos do Senhor no chão; 6.º, o Senhor nos espinhos, e os judeus pondo-lhe a corôa na cabeça. Estes, os passos do pé.

No alto do copo, estão outros seis passos, pela ordem seguinte: — 1.º, o passo do *Ecce Homo*: Pilatos mostrando-o ao povo, e este como gritando e levantando as cruzes em alto; 2.º, Pilatos, debaixo de docel, lavando as mãos, e um criado deitando a agua, á vista do povo; e no estrado, aos pés, estas letras, que se deixam bem ler: LAUABIT; 3.º, o Senhor com a cruz ás costas, o cyreneu pegando da cruz, a mulher Veronica, as Marias, ou filhas de Jerusalem, e phariseus; 4.º, o Senhor na cruz, e, aos dois lados, a Senhora e S. João; 5.º, o Senhor desido da cruz, nos braços da Senhora; José e Nicodemos; as cruzes e escadas; S. João e Magdalena; 6.º, os mesmos, mettendo ao Senhor na sepultura, e, na pedra da sepultura, estas letras, que se lêem: MEMENTO. Todos estes passos são de figuras inteiras, levantadas de meio relêvo, e, em partes, esmaltadas das côres naturaes, o que dá admiravel lustre á obra.

Os passos do pé do calix se dividem uns dos outros com o círculo do letreiro, que vae fazendo meio gyro, e orla a todos, assi como se vê no outro papel (*est. I e III*); e aos passos do copo, dividem columnas esmaltadas, uma columna entre passo e passo. A altura das figuras em todos os passos é do comprimento d'esta linha —————. O mais campo do calix são flores, passarinhos, pedras, e outras lindezas galantissimas, todas de esmaltes de várias côres — branco, preto, azul, verde, vermelho. O pé e as suas letras vão da mesma medida, por compasso, do original. Nas letras do copo, que se vêem na base de cada columna, não pareceu ser necessario irem assim, porque são mais pequenas. Todas as letras, assi as do pé como as do copo, são cavadas no ouro e esmaltadas de preto; e, segundo se deixa entender, a patena e o calix fazem correspondencia entre si, porque na patena está o primeiro passo da ceia; d'ahi, vem a serie ao calix, começando no horto, e torna á patena, ao passo da Soledade, que tem nas costas.

Quanto á intelligencia das letras, o meu parecer é que ellas querem significar, nesta ou naquella lingua, por este ou aquelle modo, o mesmo que contém os passos; porque as taes letras os vão seguindo e acompanhando, e é certo que todo homem, por rustico que seja, vendo um painel com o seu letreiro ao pé, julga (ainda que o não saiba ler) que o letreiro explica o passo. E, para se dizer que as letras significam outra cousa, como o nome do artifice, do rei que o deu, etc., alem de que esta intelligencia se não póde accommodar ás letras do copo, as do pé, que o poderiam dizer, haviam de estar, se assi fosse, no círculo mais inferior do mesmo pé, e não servindo de orla e meio círculo aos passos.

Nas letras do pé, se vêem, em algumas partes, entre letra e letra, umas riscas. São divisões de esmalte branco, que estão no original, excepto, no círculo do passo segundo para o terceiro, um 1, que se vê cortado. Está assi mesmo no original, do mesmo esmalte da letra, e por isso não o tenho por divisão, mas por letra cortada, ou de outro feitio. As letras da garganta do pé vão na mesma postura do original, e tambem as das columnas.

O calix sem a patena, pesado por arrateis, se acha ter quatro arrateis e meio e duas oitavas; e, quanto a uma cota que vae na certidão do peso, onde se diz

que pesa nove marcos o calix, declaro que a dita cota é moderna e de lettra conhecida, e signal do P.^o Fr. Paulo Brandão, o qual morreu ha vinte e oito annos; e sou de parecer que se não deve fazer caso da dita cota, porque o dito padre a fez demasiado entremettido, por não ter noticia da memoria antiga na livraria velha, nem da noticia de Manrique, da mesma memoria. E não me parece que ha mais a que deva resposta, do que se pergunta. = *Fr. Manoel dos Santos.*

III

Não obstante as multiplas causas que tem empobrecido o nosso vastissimo e incalculavel patrimonio artistico, existe ainda hoje em Portugal avultado número de obras de ourivezaria religiosa, que abrangem e documentam a evolução da industria dos metaes preciosos, — irmã gêmea da architectura e da estatuaria, segundo a qualificam Lacroix e Seré, — desde o século XII até ao XVIII.

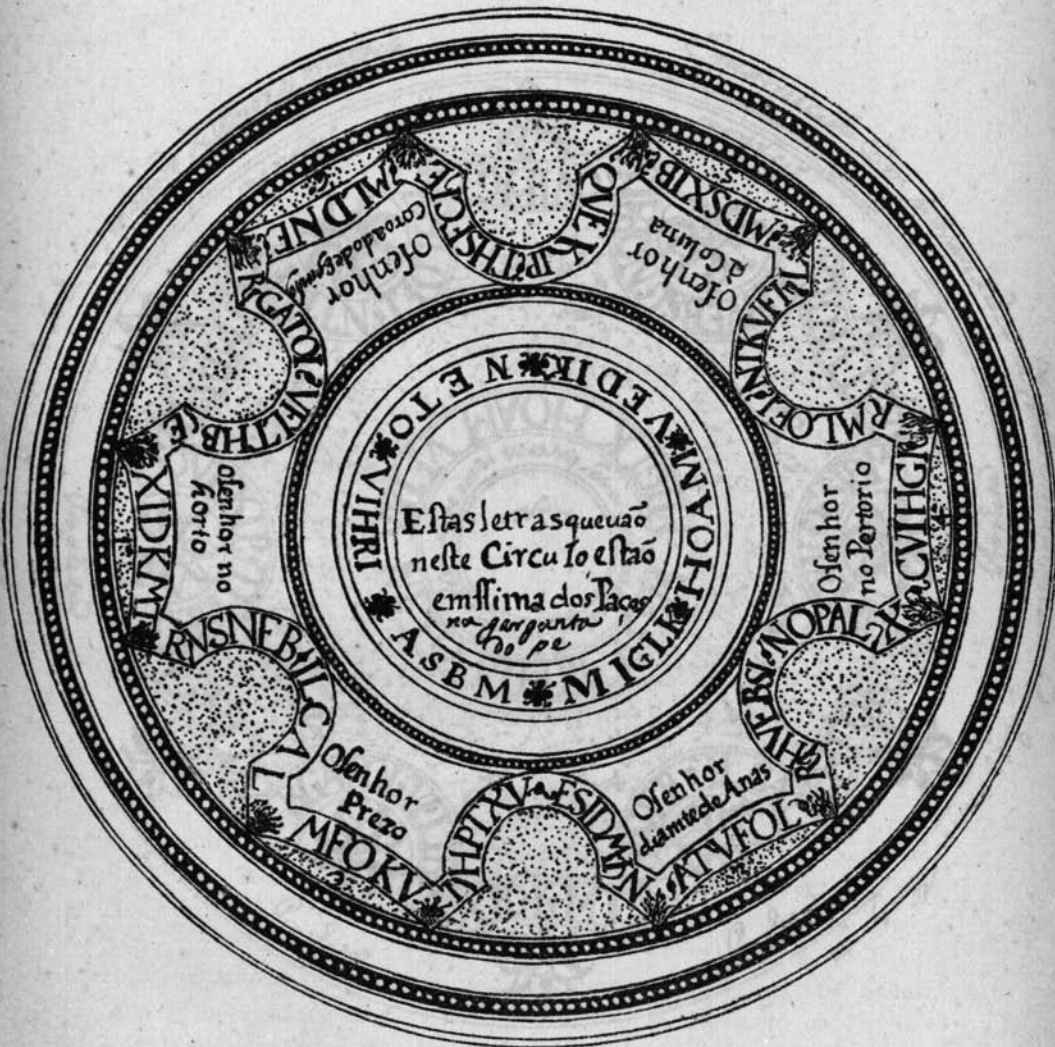
A Exposição retrospectiva de 1882; a de Aveiro, no mesmo anno; a promovida pela benemerita *Sociedade de Instrucção*, no Palacio de Crystal, do Porto; a que se realizou em Lisboa, em commemoração do centenario antonino; o Museu Nacional; a collecção organizada junto da Sé nova de Coimbra, pelo Sr. bispo-conde — que surprehendente, maravilhosos thesouros nos revelaram!

Enriquecendo a secção de ourivezaria do Museu Nacional com reproduções photographicas ou galvanoplasticas das peças mais interessantes e mais typicas estranhas a esse nucleo; dispondo em series, por fórma didactica, os exemplares reunidos, e juntando a cada um seu verbete elucidativo, formar-se-hia uma valiosissima collecção especial, do mais proveitoso e necessario ensinamento, não só para os historiadores da arte, criticos e artistas, senão tambem para o público em geral, que precisa de que lhe facultem meios de comprehender e apreciar os monumentos e obras de arte que o país ainda possui, alguns dos quaes tem a sobredourar-lhes a belleza da concepção, e os primores da execução, alto significado historico e patriotico.

É sobretudo, porém, nos artistas que eu penso, ao escrever estas linhas. Ha, incontestavelmente, aptidões, desejo de progredir, de innovar, de sair da rotina. E ha tambem, a favorecer o bom exito d'estes impulsos, o gosto, muito espalhado e tradicional entre nós, das obras de ouro e prata, que chegaram, até, a constituir fórma dilecta de capitalização para a maior parte das familias portuguezas.

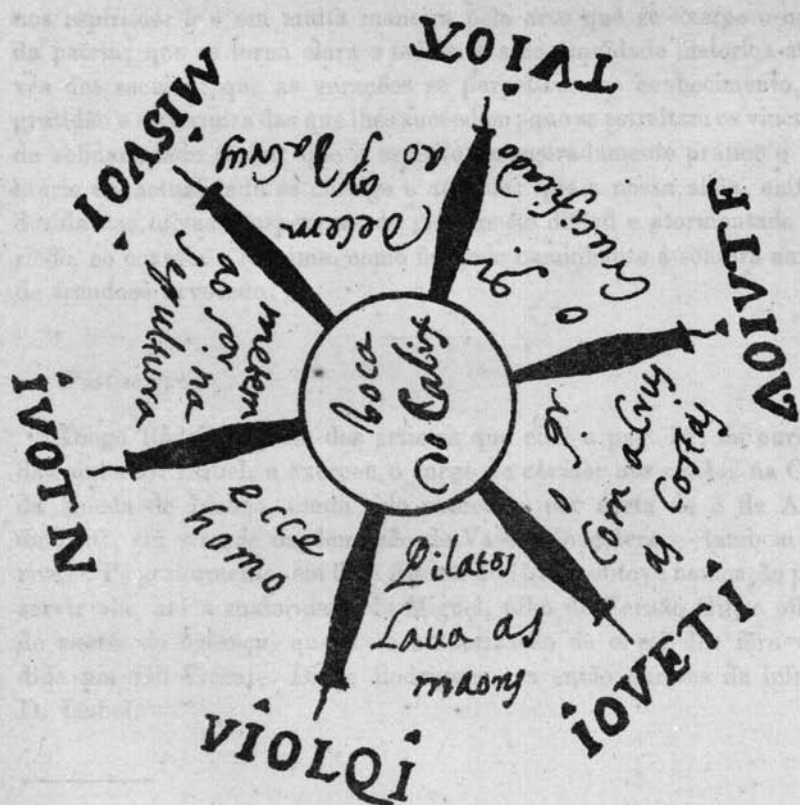
Importa, comtudo, que os artistas, animados de espirito innovador, guiados por intuito, aliás muito louvavel, quando bem orientado, de originalidade e de nacionalismo, se não transviem, — desprezados os

Esta he a circumferencia do pedo Calix de Ouro.



Redução a metade.— Este desenho e o reproduzido na estampa III, são authenticados, como ficou dito, pelo monge-notario Fr. José de Mendonça, cuja assignatura só poderia ser incluída reduzindo muito os desenhos ou excedendo as dimensões da pagina d-O Archeologo.

esta: a Leza do: Copo



principios inilludiveis de toda a arte decorativa; perturbadas as relações que devem existir entre a materia, a construcção, a fórma, a ornamentação e o destino da peça, elementos de cuja perfeita concordancia, de cuja impeccavel harmonia, deriva a eterna belleza classica das obras dos grandes periodos da arte.

Não quero com isto insinuar, — é claro, — que os artistas devam abdicar as suas faculdades creadoras, restringindo-se á cópia ou, sequer, á imitação, do antigo; mas apenas significar que é legitimo deduzir principios, tirar consequencias, das obras-primas do passado, e que seria loucura desaproveitar a riquissima e gloriosa herança artistica de que somos legatarios.

Promovamos dedicadamente, mas sob os auspicios de seguro criterio, o renascimento das nossas artes decorativas. É sem dúvida pelas suas applicações que a arte póde mais intensa e extensamente actuar nos espiritos; e é em muita maneira pela arte que se exerce o culto da patria; que se torna clara e evidente a continuidade historica através dos seculos; que as gerações se perpetuam no conhecimento, na gratidão e na ternura das que lhes succedem; que se estreitam os vinculos da solidariedade social; que o espirito exaggeradamente pratico e utilitario da actualidade se corrige e attenua; que a nossa alma, emfim, dorida das luctas e asperezas da vida, neste difficil e atormentado periodo, se consola e reanima, como fatigado caminhante á sombra amiga de frondoso arvoredos...

Post-scriptum.

Diogo Rodrigues, um dos artistas que citei a pag. 72, foi ourives da rainha D. Isabel, e exerceu o cargo de *abridor dos cunhos* na Casa da Moeda de Lisboa, tendo sido nomeado, por carta de 3 de Abril de 1497, em virtude da demissão de Vasco Gonçalves, — tambem ourives¹. Posteriormente, em 6 de Agosto de 1517², obteve nomeação para servir alli, até á maioridade de Miguel, filho de Fernão Gil, o officio de *mestre da balança*, que, com auctorização de el-rei, lhe fôra vendido por Gil Vicente. Diogo Rodrigues era então ourives da infanta D. Isabel.

¹ Chancellaria de D. Manoel, livro 30, fl. 21 v. *Apud* Teixeira de Aragão, *Descripção... das moedas, etc.*, I, 70 e 71.

² Chancellaria de D. Manoel, livro 10, fl. 71.

Belchior Rodrigues, a quem igualmente alludi, foi *salvador dos cruzados*¹ nessa officina monetaria, em substituição de Fernão Lopes, — ourives tambem, — que se ausentára de Portugal; — «que se destes regnos foi», diz a carta respectiva, a qual tem a data de 12 de Janeiro de 1526².

Accrescente-se aos nomes indicados na citada página, alem dos de Vasco Gonçalves e Fernão Lopes, o de Diogo Alvares, ourives do infante D. Fernando, e que, em 19 de Junho de 1523³, foi nomeado *ensaiador* da Moeda de Lisboa, succedendo a Diogo Rodrigues, que fallecêra. D'esse logar, tinha alvará de D. Manoel, que seu filho e successor confirmou.

Vê-se, pois, que Diogo Rodrigues desempenhou na Casa da Moeda de Lisboa, não só os cargos de *abridor dos cunhos* e *mestre da balança*, como tambem o de *ensaiador*.

JOSÉ PESSANHA.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

17. Museu Numismatico de Athenas

«L'année académique 1894—1895 a été particulièrement avanta-jeuse pour le Musée numismatique d'Athènes. Cet établissement s'est accru de 14.837 pièces, dont 8.000 en argent ou en billon. Ces pièces ont été fournies en partie pour les fouilles de l'école française à Delos et à Delphes, les fouilles de l'école anglaise à Abae e en Phocide et les fouilles d'Olympie. Il y a naturellement un assez grand nombre de doubles, mais néanmoins la moisson est très satisfaisante».

(*Bulletin de Numismatique*, v, 10).

J. L. DE V.

«Cidades nobilissimas fenecem, e nem rasto fica d'ellas».

D. FR. AMADOR ARRÁIZ, *Dialogos*, IV, 10.

¹ Incumbia aos *salvadores* cortar a moeda, pondo-a no seu justo peso. O regimento dado por D. Manoel á Casa da Moeda de Lisboa em 23 de Março de 1506, refere-se largamente a esses artifices. Do alludido regimento, existe no Archivo da Torre do Tombo uma copia authentica, do sec. XVII (Mss., tom. VIII—E, fl. 245).

² Chancellaria de D. João III, livro 36, fl. 36.

³ Chancellaria de D. João III, livro 3, fl. 73. *Apud* Teixeira de Aragão, op. e loc. cit. A carta é, porém, de 19 e não de 18 de Junho, como ahi se lê.